

The image features four stylized sun icons in a light gray color. Each sun has a central circle with a smaller dot inside, and several elongated, teardrop-shaped rays radiating from the top and sides. The largest sun is at the top center, with a smaller one to its left, another to its right, and a fourth, even smaller one at the bottom left. The word "TRADUÇÃO" is centered over the largest sun.

TRADUÇÃO

OS RECURSOS ALIMENTARES AQUÁTICOS NA AMAZÔNIA: UM SUCESSO NATIVO

Texto de

Robert L. Carneiro

Universidade de Columbia

Traduzido por

Alexandre Guido Navarro

Universidade Federal do Maranhão- Departamento de História

submissão: 14.02.2022 aprovação: 14.09.2022

O Grande Debate de Proteínas da década de 1970 encontrou partidários de ambos os lados - aqueles que pensavam que os Ianomâmi ianomâmi lutavam por mulheres e aqueles que pensavam que lutavam pela caça - - firmemente alinhados uns contra os outros. No entanto, parecia não haver discordância entre eles em um ponto: para que uma sociedade amazônica evoluísse além do nível de aldeias autônomas e atingisse a de um cacicado, precisava acessar fontes de proteína que fossem, ao mesmo tempo, abundantes, locais e praticamente inesgotáveis.

Obviamente, havia diferenças de opinião quanto ao que constituía tais recursos. Após suas escavações em Parmana, no médio Orinoco, Anna Roosevelt sustentou que o milho constituía tal fonte e que, de fato, havia desempenhado um papel determinante na ascensão de cacicados ao longo do rio. Se o milho por si só poderia ter fornecido proteína suficiente para permitir que cacicados emergissem no Orinoco ainda é uma questão controversa, já que Parmana não forneceu uma prova verdadeira dessa possibilidade. Por mais que o milho possa ter contribuído para a ingestão de proteínas em Parmana, ele parece não representar a quantidade de proteína fornecida por outras fontes. Ao contrário do milho, essas outras fontes não eram terrestres, mas aquáticas: peixes, peixes-boi, tartarugas e ovos de tartarugas. Estes Esses recursos, sozinhos, conseguiram disponibilizar aos moradores do médio Orinoco toda a proteína de que pudessem necessitar.

Nem é mera conjectura da minha parte. Tra-

ta-se de uma avaliação baseada no relato de um dos primeiros escritores - padre José Gumilla, testemunha ocular das práticas de subsistência dos índios que viveram ao longo do Orinoco. E sua descrição sobre os recursos alimentares ribeirinhos do rio Amazonas é similar com os relatos dos primeiros viajantes. Tomados em conjunto, esses relatos falam da imensa riqueza fornecida pelos grandes rios da Amazônia e da maneira como os seus habitantes dos séculos XVI e XVII foram capazes de explorá-los. Quando reunimos os relatos de observadores espanhóis e portugueses durante as primeiras viagens de exploração nesses rios, complementados por relatos missionários posteriores, podemos coligar um caso convincente da riqueza de recursos alimentares aquáticos que eles forneceram.

É especialmente importante apresentar essa evidência inicial de como eram esses recursos alimentares sob as condições indígenas, uma vez que os métodos de pesca modernos esgotaram tanto essas águas que dão uma imagem falsa de como eram antes. Qualquer tentativa de estimar a abundância pré-contato de peixes, tartarugas e peixes-boi de sua produção atual está fadada a apresentar uma subestimativa grosseira. Os primeiros relatos espanhóis e portugueses, entretanto, fornecem testemunho suficientemente detalhado e confiável para nos permitir fazer uma estimativa confiável dos recursos proteicos desses rios sob as condições indígenas.

Em vista dos ricos recursos faunísticos disponíveis ao longo do Amazonas e do Orinoco, não deveria surpreender que os primeiros

exploradores e missionários encontrassem chefaturas plenamente estabelecidas em suas margens. Quaisquer que tenham sido os fatores adicionais necessários para que as chefias emergissem aqui (e eu discuti esses fatores em outros trabalhos [Carneiro 1970, 1981, 1993, 1998]) - a base de subsistência necessária para apoiar sua ascensão e desenvolvimento certamente estava presente. De fato, esses recursos eram tão grandes que - como suas próprias palavras deixam claras - os primeiros cronistas costumavam se surpreender com essas riquezas. Às vezes, eles se perdiam para retratá-las com precisão, com a impressão de que eram muito limitados para realizar esta tarefa.

O relato mais antigo de cacicados que se estabeleceram ao longo do Amazonas e que exploraram os recursos alimentares lá disponíveis foi o de Frei Gaspar de Carvajal, cronista da viagem pioneira de Francisco de Orellana pela Amazônia em 1542. Enquanto ele viajava rio abaixo, os suprimentos de comida de Orellana às vezes ficavam baixos e seus homens frequentemente sofriam de fome. Por não estar familiarizado com a melhor forma de subsistir em uma floresta tropical, eles costumavam parar nas aldeias para comercializar comida ou simplesmente pegá-la à força.

Repetidamente, em sua narrativa de viagem, Carvajal menciona encontrar estoques de peixes nas aldeias nas aldeias indígenas e, às vezes, indicar sua quantidade (Medina 1934: 204, 209, 409, 414-415, 419, 430). Em uma ocasião, Orellana enviou um oficial com 25 homens para a vila de

um chefe Omágua chamado Machiparo, informando que: “havia muita comida, como tartarugas em currais e poças d’água, e muita carne e peixe e biscoitos [bolinhos de mandioca], e tudo isso em tal abundância que dava para alimentar uma força expedicionária de mil homens por um ano”(Medina 1934:192).

Ao saber dessa recompensa, Orellana enviou um segundo oficial para a aldeia para buscar parte dessa comida, e o oficial retornou “quando ele tinha reunido mais de mil tartarugas...” (Medina 1934:193). Além disso, essa era apenas uma fração de tartarugas normalmente mantidas em cativeiro pelos Omágua, 18 anos depois, quando os expedicionários de Pedro de Ursúa também pararam na aldeia de Machiparo e viram paliçadas em reservatórios artificiais cercado 6.000 ou 7.000 tartarugas (Ursúa 1861: 31).

Mais a jusante do rio Amazonas, em alguma aldeia entre a foz do rio Negro e Madeira, Carvajal relatou: “Encontramos muita comida, principalmente peixes, pois disso foi encontrada tamanha variedade e fartura que poderíamos ter carregado bem o nosso bergantim...” (Medina 1934: 207). E acrescentou: “este [peixe] foi seco pelos índios para ser transportado para o interior para ser vendido...” (Medina 1934: 207).

Quase um século depois, em 1639, o padre Cristóbal de Acuña encontrou esses mesmos índios ainda subsistindo dos abundantes recursos aquáticos daquele grande rio. Depois de descrever a quantidade de milho e mandioca que os índios haviam colhido, Acuña (1891: 4545) escreveu: “Com efeito, o que mais comem e,

como dizem, fazem a refeição, são peixes, que, em incrível abundância, pescam todos os dias neste rio”, (1891: 50) “Mas” acrescentou, “entre todos [estes peixes], aquele que, como um rei, domina todo o resto deste rio, desde a nascente até a foz, é o peixe-boi” – até então considerado um peixe pelos espanhóis (Acuña 1891: 50). De peixes-boi, os índios capturaram em grande número. Acuña observou que, “assados em uma churrasqueira (babracot), duram mais de um mês” (Acuña 1891: 51), mas indicaram que, por falta de sal, não podiam ser preservados por um ano inteiro (Acuña 1891; ver também Carvajal em Medina 1934: 417-419).

“Apesar de não poderem conservar a carne seca de peixe-boi por muito tempo”, continua Acuña, “não lhes faltam os meios de comer carne fresca durante a estação das chuvas, que [significa carne de tartaruga], embora não seja tão saborosa quanto a anterior [peixe-boi], é mais saudável e não menos satisfatória” (Acuña 1891: 52). “Eles pegam essas tartarugas”, continuou Acuña, “em tamanha abundância que não há curral que não tenha cem ou mais tartarugas, então esses nativos nunca sabem o que é a fome, já que uma única tartaruga é suficiente para saciar uma família inteira, independentemente de quantos membros ela possa ter” (Acuña 1891: 54).

Em uma parte de seu livro *Parmana*, Anna Roosevelt escreve: “É improvável que as técnicas de secagem, salga ou defumação... tivessem possibilitado aos indígenas da várzea [do Amazonas] armazenar bastante carne de peixe por tempo suficiente para equilibrar a dispari-

dade sazonal de sua disponibilidade” (Roosevelt 1980:109). No entanto, o que ela apresenta como uma falha acaba sendo um trunfo. Mais uma vez, citemos o padre Acuña: “Com a maior facilidade os moradores deste rio [o Amazonas] desfrutam de todo tipo de peixe que ele contém e, nunca temendo faltar peixes no dia seguinte, nunca [se preocupam] em prover no dia anterior, mas, baseados pelo que eles pescam hoje, eles comerão amanhã” (Acuña 1891:55).

A imagem da pesca no rio Amazonas que emerge desses relatos coloniais é de incrível abundância. Tampouco se tratava apenas de períodos sazonais alternadamente bons ou ruins, mas de rendimentos muito altos ao longo do ano. E não apenas os peixes parecem ter fornecido amplo suprimento para as aldeias localizadas no próprio rio, mas - como observamos - algumas aldeias, pelo menos, capturavam um excesso de peixes com a intenção de comercializá-los em aldeias do interior com menos acesso aos recursos pesqueiros.

Eis o que tínhamos a dizer sobre o Amazonas. Vamos agora ao Orinoco ver quais os recursos de proteínas aquáticas no passado poderiam ser relatadas aqui. O relato mais detalhado sobre os índios que viviam no médio Orinoco é o do padre José Gumilla em seu livro “*El Orinoco Ilustrado y Defendido*”, em que descreve suas observações sobre esses povos entre 1715 e 1738. Gumilla nunca se cansa de descrever as vastas quantidades de peixes encontrados no Orinoco, bem como nas lagoas e canais onde o rio transbordou durante a estação chuvosa. Assim, ele

relatou “a multidão [e] variedade... de inúmeras espécies de peixes que o Orinoco produz e mantém...” (Gumilla 1963:219). E mais uma vez ele nos assegura que “não é concebível, nem a caneta é capaz de expressar, a multidão de grandes peixes seguramente à disposição dos índios” (Gumilla 1963: 223).

E ainda havia mais a dizer: “a abundância de peixes e tartarugas no Orinoco dificilmente é crível para quem os vê e toca com as próprias mãos. O que posso dizer, então, para aqueles que apenas leem estas linhas?” (Gumilla 1963: 223; ver também pp. 220, 221). Independentemente da estação do ano, a pesca ao longo do Orinoco era enormemente recompensadora. Da estação das chuvas, Gumilla (1963:222) escreveu: “Durante os meses de alta do Orinoco, os índios, com o propósito da pesca, usam apenas porretes ou, mais particularmente, lanças. Eles vão para a parte rasa do rio com cerca de um metro de água, e ali aparecem todas as espécies de peixes para brincar e se alimentar... Ali se veem nadando entre as raízes e, cada um a seu gosto, os índios posicionam-se ao redor deles batendo-nos, não à toa, mas seletivamente: eles gostam de bagre, cachama, morcoto ou payara. Existem todos os tipos de peixes para todos, e em uma abundância incrível”(1963:222).

Durante a estação seca, as capturas eram ainda maiores: “Os índios desfrutam de uma pesca ainda mais fácil e abundante quando o rio Orinoco baixa e passa a reunir suas águas, que antes eram bem espalhadas, porque então bloqueiam com açudes os canais que saem das lagoas, dei-

xando uma infinidade de peixes para sua disposição em águas muito rasas. Mas a pesca realmente incalculável ocorre nas grandes lagoas, nas quais entraram inúmeras tartarugas e bagres de 50 a 75 libras de peso, lau laus de 250 a 300 libras e, especialmente, inúmeros peixes-boi, cada um pesando de 500 a 750 libras” (Gumilla 1963:222).

Certa vez, os índios se esqueceram de remover a represa de um canal que ligava certa lagoa ao rio principal, impossibilitando que os peixes e peixes-boi que haviam entrado na lagoa durante o período das cheias retornassem ao Orinoco quando as águas começaram a baixar. De repente, lembrando-se desta lagoa, os índios foram inspecioná-la. Apenas cerca de um pé e meio de água permaneceu nela e, nas águas rasas, encontraram mais de 3.000 peixes-boi mortos e “uma grande multidão de peixe” (Gumilla 1963: 223).

Quando Gumilla fala de tartarugas, os números são ainda mais impressionantes: “A multidão de tartarugas que abunda no Orinoco é tão grande que, por mais que eu tente expressá-la, tenho certeza de que vai soar menos do que realmente há... mas é certo que seria tão difícil contar os grãos de areia nas vastas praias do rio quanto contar o imenso número de tartarugas que se alimentam ao longo de suas margens e canais” (Gumilla 1963: 229).

E como se isso não bastasse, Gumilla continua dizendo: “Mas muito maior ainda é a quantidade de ovos de tartaruga que consomem...” (Gumilla 1963: 232) e passa a descrever esse número com detalhes vívidos. Mais dessas declarações poderiam ser citadas em Gumilla, mas

este catálogo de riquezas aquáticas já está cansativo, e o assunto já foi discutido.

Resumindo, então, as evidências acumuladas nas fontes primárias, tanto para o Amazonas quanto para o Orinoco, parecem esmagadoras e incontestáveis. Peixes, tartarugas e peixes-boi existiam em quantidades prodigiosas nessas águas. Juntos, forneceram aos índios que viviam ao longo desses rios um inesgotável suprimento rico e variado de proteínas, fácil de capturar durante todo o ano. Assim, Roosevelt se equivocou ao argumentar que “O número de pessoas que podia ser mantido [ao longo do Orinoco] com uma dieta de peixes, juntamente da caça e da mandioca, é muito menor do que o número de pessoas que parece ter vivido na região no

período mais tardio” (Roosevelt 1980: 181). Para reiterar, o relato de Gumilla deixa bem claro que apenas os recursos alimentares aquáticos eram mais do que suficientes para suportar as grandes populações nativas que viveram lá.

Em comparação, a quantidade de proteína que o milho ou qualquer outro alimento vegetal poderia ter contribuído para a dieta desses índios é insignificante. Assim, na medida em que fontes confiáveis de proteínas eram necessárias para o surgimento de cacicados, não há dúvida de que essas fontes estavam firmemente instaladas ao longo do Amazonas e do Orinoco, prontas para atuar como um trampolim para o desenvolvimento das grandes e poderosas cacicados encontrados ali pelos primeiros viajantes europeus.

REFERÊNCIAS

Acuña, Cristóbal de. 2010 [1891]. Nuevo Descubrimiento del Gran Río de las Amazonas, in *Colección de libros que tratan de América, raros y curiosos*. Organizado por Rocha, Diego Andrés. Madri: Nabu Press. v. 2.

Carneiro, Robert L. 1970. A theory of the origin of the state. *Science* 169: 733-738.

Carneiro, Robert L. 1981. The Chiefdom: Precursor of the State, in *The Transition to Statehood in the New World*, pp. 37-89. Editado por Robert, Grant D. Nova York: Cambridge University Press.

Carneiro, Robert L. 1993. Factors Favoring the Deveopment of Political Leadership in Lowland South America, in *Leadership in Lowland South America*. Editado por Waud H. Kracke. <https://www.salsa-tipiti.org/bennington-papers/sais/sais-leadership/>.

Carneiro, Robert L. 1998. What happened at the flashpoint? Conjectures on Chiefdom formation at the very moment of conception, in *Chiefdoms and Chieftaincy*, pp. 18-42. Editado por Elsa M. Redmond. pp. 18-42. Gainesville: University Press of Florida.

Gumilla, Padre José. 1963. *El Orinoco Ilustrado y Defendido...* Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia.

Medina, José Toribio. 1934. The Discovery of the Amazon according to the account of friar Gaspar de Carvajal and other documents. *American Geographical Society Special Publication* 17.

Roosevelt, Anna C. 1980. *Parmana: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence Along the Amazon and Orinoco*. Nova York: Academic Press.

Ursúa, Pedro de. 1861. The Expedition of Pedro de Ursúa and Lope de Aguirre. Tradução de William Bollaert. *The Hakluyt Society Publication* 18.